

## A NAÇÃO AYMARA: REALIDADE NO SÉCULO XXI?

Celso Gestermeier do Nascimento

[celsogest@ig.com.br](mailto:celsogest@ig.com.br)

### RESUMO

Nos contextos de um novo século, com o advento de uma sociedade onde a informação rápida e disseminada torna-se vital, os aymara recuperam o conceito de Revolução Índia. Ela consiste de um fazer-se no dia-a-dia para se criar uma sociedade aymara no futuro.

Palavras-chave: Aymara; Bolívia.

### ABSTRACT

In the context of a new century, the development of a society where fast and disseminated information became vital, this process made the aymara recover the concept of Indian Revolution. She consists in a constant work to create an aymara society in the future.

Keywords: Aymara; Bolivia.

Dezembro de 2005 marcou a eleição presidencial do líder cocalero da etnia aymara Evo Morales à presidência da Bolívia. Essa eleição foi tão simbólica que foram realizadas três cerimônias de posse diferentes: a primeira ocorreu em Tiahuanaku, na antiga cidade sagrada qolla – ou aymara – e contou com todo o aparato ritual aymara: uso do chunco – poncho sagrado – pés descalços, bastão dourado, adorno de cabeças de condores, e o tradicional juramento a Pachamama (mãe terra) e a Tata Inti (pai sol). A segunda cerimônia realizou-se em La Paz, no Congresso Nacional, onde também a simbologia aymara foi utilizada, quando Evo pediu um minuto de silêncio em homenagem aos heróis caídos em tantas batalhas pela América explorada (inclusive por Che Guevara). Por fim, a última ocorreu na Praça de San Francisco em contato direto com o povo boliviano.

Muitos militantes aymara – mas nem todos - consideraram a eleição de Evo um fato bastante positivo na trajetória das lutas aymara. No entanto, a batalha do ciberespaço nos mostra sites bem organizados e conscientes do projeto de Revolução Índia, que defende a criação do Qollasuyu, o espaço qolla – ou aymara de antes da chegada dos europeus.

Nos limites estreitos desse trabalho, gostaríamos de tecer comentários a um projeto de Revolução Índia a partir de um documento de 2002, publicado no site qollasuyu e que estabelece um verdadeiro cronograma para o desenvolvimento da Revolução Índia.

## O QOLLASUYU RECUPERADO

Um documento importante que marca a luta em função da criação de um novo Estado, o Qollasuyu, foi publicado em 18 de dezembro de 2002, a respeito do Primer Encuentro Indígena, realizado em Cuzco, no qual os aymara desconhecem a autoridade de países como Bolívia, Peru, Chile, Argentina, Paraguai e Uruguai, pois para eles são apenas terras roubadas dos povos originários e batizadas como “Repúblicas”. Da mesma forma, dentro desses países deve-se desconhecer estados, províncias, departamentos etc e adotar a divisão administrativa baseada em ayllu, marka, laya e suyu, advindas do período pré-colonial. Para ser cidadão qollasuyano é preciso exercer uma função que se volte ao benefício de todos, aprender a falar pelo menos três idiomas – incluído ao menos um indígena – apresentar um sinal cultural qollasuyano, embora seja possível ser um estrangeiro nacionalizado.

Entretanto, tal cidadania não é estática, ou seja, também deve ser construída:

Chimpu 23.- Todo quollasuyano está obligado a la educación integral en base a nuestra cultura, ciencia y tecnología propia y la utilización de la ciencia y tecnología occidental para nuestros intereses, que se imparte principalmente a partir de la familia a través del idioma indígena y luego paralelamente en los idiomas o REGIMEN CULTURAL DEL QOLLASUYU. (Publicado em 18 dez 2002. Disponível em <http://www.qollasuyu.indymedia.org/es/2002/12/2.shtml>. Acesso em 23 out 2008)

Também estabelecem símbolos do Qollasuyu, como a wiphala – bandeira quadriculada - e outros, tais como puma, jaguar, ankonda , folhas de coca, o hino “El Condor Pasa”: o jilaqata para o ayllu, malkus para a marka, kuracas para a laya e kinkas para o suyu. ; ficando também marcadas as autoridades:

As autoridades têm a obrigação de possuir família, experiência e honestidade e, fundamentalmente, a trabalhar:

Chimpu 43.- Cada qollasuyano está obligado a trabajar rotativamente en el altiplano, luego en el valle, yungas, selva e incluso en la costa,

distribuyendo su tiempo de trabajo por meses y por años. También trabajarán un tiempo en trabajos laborales, y en otros momentos en trabajos intelectuales y relativamente en el campo y en la ciudad. Nadie se debe estatizarse en su sola forma de trabajo. (Publicado em 18 dez 2002. Disponível em <http://www.qollasuyu.indymedia.org/es/2002/12/2.shtml>. Acesso em 23 out 2008)

Isso merece uma pequena reflexão: em primeiro lugar, remetendo a uma antiga obrigação das comunidades – ayllus – do império inca, de enviar colonos a todos os outros pisos geológicos – litoral, vales, altiplano – para complementar sua economia. Eram os chamados Mic Mac, que periodicamente trocavam produtos com os ayllus de origem, numa economia de complementaridade. Outro aspecto levantado é que as atividades de cada pessoa devem se alternar entre trabalhos manuais e intelectuais sem que haja uma concentração em um só tipo de trabalho. Essa preocupação aparece também na criação de escolas e universidades aymara, conforme discutiremos posteriormente. Tal percepção busca criar cidadãos o mais semelhantes possível entre si e é uma tese que já foi muitas vezes retomada por pensadores marxistas e, de certa forma, embasou a visão de Mariátegui, a caracterizá-la como “comunismo inca”.

Ao mesmo tempo em que os aymara tentam criar o Qollasuyu, precisam combater o “modo estrangeiro de ser”, seus símbolos, forma de administração política, heróis nacionais, sistema educacional etc, e, caso não seja possível, deve valer-se de todos os recursos possíveis para resistir e usar a favor da “República Intígena” o conhecimento adquirido do estrangeiro. Aqui encontramos uma citação surpreendente, pois é a corporificação daquilo que James Scott chama de “off stage”, ou seja, é um discurso oculto que, como poucas vezes acontece, torna-se explícito assumido enquanto estratégia de luta, sem se preocupar em ser descoberto:

Chimpu 55.- Si al qollasuyano se le ha impuesto por fuerza y amenaza las leyes neoliberales, nacionalistas y colonialistas en general debe simular su relación con ellos, luego debe usar su dinero, infraestructura y proyectos para volcarlos para nuestros intereses de independencia y soberanía, también debe convertir la alcaldía provincial en un poder local para restaurar la LAYA y debe relacionarlos con otras Layas para consolidar paulatinamente la República originaria e indígena. (Publicado em 18 dez 2002. Disponível em <http://www.qollasuyu.indymedia.org/es/2002/12/2.shtml>. Acesso em 23 out 2008)

Esse documento é bastante rico para nossas reflexões, a Revolução Índia explicita as táticas de resistência que devem ser implementadas até sua vitória final:

Chimpu 58.- debemos incrustarnos a la alta oficialidad del Ejército, en la cúpula mayor de la iglesia, en las altas jefaturas de los partidos políticos, en los altos cargos de las instituciones del Estado y los no gubernamentales, para informarnos de la política colonialista del Estado boliviano, y con esa información y experiencia debemos advertir del peligro inminente en contra de los indígenas del campo y de las ciudades. (Publicado em 18 dez 2002. Disponível em <http://www.qollasuyu.indymedia.org/es/2002/12/2.shtml>. Acesso em 23 out 2008)

Trata-se de utilizar todas as estruturas da sociedade branca contra ela mesma – inclusive a Internet – penetrar em todas as instituições: Exército, Igreja, Partidos Políticos, Instituições Estatais, Parlamento, governo etc e, se possível, assumir a presidência<sup>i</sup>. A citação anterior chega a ser chocante por sua sinceridade e, de certa forma, retoma a linha de análise de Edward P. Thompson ao falar da “turba” que enfrenta a Economia de Mercado na Inglaterra do século XVII, mas que agora rompe com o discurso oculto que James Scott analisou, partindo para um projeto explícito de enfrentamentos, revolucionário<sup>ii</sup>.

E ainda o projeto do novo Estado prevê quase toda forma de ação militante

Chimpu 59.- Toda mujer casada, soltera, divorciada, abandonada y viuda debe tener más de cuatro hijos, para mantener vivo a nuestra población, cultura y territorio y se debe luchar contra toda política de control de natalidad, club de madres, alimentos de regalo transgenicos y otros que solo buscan reducir y exterminar a la población indígena, para posibilitar migraciones europeas, y apoderarse de nuestro territorio y usufructuar nuestros recursos naturales. (Publicado em 18 dez 2002. Disponível em <http://www.qollasuyu.indymedia.org/es/2002/12/2.shtml>. Acesso em 23 out 2008)

Há aqui um importante elemento de mobilização de identidades que se radicaliza e que vale a pena ressaltar: se a atuação sindical via CSUTCB foi muito importante na luta camponesa e aglutinou como um “guarda-chuvas” outros movimentos sociais da sociedade boliviana, como anteriormente na metade do século passado havia realizado a COMIBOL, agora no século XXI a etnicidade ressurge como uma força mobilizatória talvez nunca vista antes na história latino-americana, pois o que impressiona é que os próprios atores tem clara noção da força de seu movimento:

Es evidente que en los últimos tiempos se ha visto el crecimiento cualitativo importante de los Pueblos y Naciones originarias del continente. Creo que los distintos pueblos indígenas, hoy en día, en los diferentes Estados y Naciones de esta región, su presencia es innegable, nos hemos constituido en un actor fundamental dentro de las sociedades nacionales, estamos y estaremos siempre presentes. (MACAS & YATIYAWI, 2007)

Cientes de sua força política no momento atual, os aymara defendem a interculturalidade como forma de convivência com outros povos e nações:

Al hablar de Interculturalidad es necesario reconocer que las culturas que se van a encontrar, tienen la misma fuerza y el mismo valor: la moderna y la india. Si solo se va a pretender enseñar a los niños de los pueblos originarios las ideas occidentales en nuestras lenguas maternas, es un grave error, que está condenado al fracaso (...) pero si van a hablarnos de Interculturalidad, lo primero que deben hacer es acercarse a nuestra cultura, verla desde nuestros ojos, aprender a respetarla y luego mostrarnos la suya, que pueden estar seguros, no tendremos el menor temor en aceptar lo positivo de ella, a fin de continuar haciendo vida... como siempre lo hemos hecho. (Disponível em <http://www.qollasuyu.indymedia.org/es/2003/07/200.shtml>. Acesso 15 out 2008)

A Revolução Índia parte do pressuposto que se deve re-indianizar os aymara que foram influenciados pelos costumes brancos e, a partir daí, seguros de sua cultura, eles poderão partir para uma convivência com as outras, inclusive a branca, mas contanto que a diversidade seja respeitada, algo que não aconteceu nem no período colonial e nem no processo de constituição da república boliviana. No futuro isso deverá ser diferente:

Otro elemento fundamental en el que debemos estar claros en el proceso de la interculturalidad, es que, los valores, principios, conocimientos, sabiduría de nuestros pueblos no solamente deben ser recuperados y archivados, sino que deben ser ofrecidos como un aporte desde nuestros pueblos a la sociedad en su conjunto en función de cambio, como elementos sustanciales de un planteamiento alternativo. (Publicado em 04 jun 2007. Disponível em <http://www.katari.org/archives/diversidad-y-plurinacionalidad>. Acesso 24 dez 2008)

Eles estabelecem passos a serem cumpridos até que a interculturalidade se torne realidade. Num artigo do site [www.qollasuyu.indymedia.org](http://www.qollasuyu.indymedia.org) que trata de um documento discutido num evento realizado na Guatemala em 2007: II Encuentro Continental de Pueblos y Nacionalidades Indígenas de Abya Yala, foi inclusive traçado um calendário de atividades e objetivos a serem alcançados. A previsão da Revolução chega a ser exagerada, com datas previstas para cada evento ocorrer <sup>1</sup> pelos próximos cem anos, ou seja, até os 600 anos da chegada de Colombo ao continente. Comentemos brevemente essas fases, com a máxima fidelidade ao texto original;

De 1992 a 2002, realizou-se o início do Pachacuti – a nova era – através de reflexões acerca do colonialismo europeu e dos Estados Nacionais latino-americanos, promovendo a re-emergência dos movimentos nacionais indígenas. De 2003 a 2007 deu-se a reaproximação entre diferentes povos de culturas originárias, criando-se espaços de articulação entre eles; de 2008 até 2012 é o tempo de se criar uma proposta de transição histórica, de criação de uma sociedade intercultural; entre 2013 e 2017 deverão começar a ser postos em prática projetos integrados para transformar estruturalmente a nova sociedade e combater o modelo econômico dos Estados Unidos; de 2018 a 2022 deverá ocorrer o fim do “sistema colonial republicano”, assim como dos Estados Unidos em prol de regimes pluralistas que, supomos, devem ser os de respeito à individualidade de nações originárias; de 2023 a 2027 haverá a emergência dos Estados Andinos e de sociedades interculturais no resto do continente; de 2028 a 2032 haverá a eliminação de antigos resquícios de práticas sócio-culturais da colônia; de 2033 até 2042 surgirão os novos estados do novo continente, o TAWA INTI SUYU e de novas correntes econômicas mundiais, embora eles não especifiquem o que sejam elas; de 2043 a 2092 ocorrerão as comemorações por cem anos de progresso comunal – desde o marco que foi 1992 – e a crise do sistema de economia de mercado.

Mas a Revolução não termina nesse período, e as previsões se estendem até o século XXV:

AÑO 2093 AL 2142- Fin de la era cristiana, y proceso de re configuración cultural, en distintos hemisferios del planeta. Eclosión masiva de nuevas sociedades de proceso sostenible.

---

<sup>1</sup> Além do fato de sugerir uma nova configuração geográfica para nações originárias que empreenderia uma reorganização dos territórios dos atuais países: Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Argentina e Chile.

AÑO 2143 AL 2192- Eliminación total de las injusticias sociales. Proceso de conversión tecnológica. Reversión progresiva de los niveles de contaminación ambiental, Celebración de los 200 años de transitar el tiempo favorable del Pacha Kuti  
 AÑO 2193 AL 2492- Auge de tecnologías sanas y equilibrio ambiental, paz y justicia social, entre los habitantes de este planeta, armonía espiritual.

AÑO 2493 En Adelante Exploración y aprovechamiento de nuevos yacimientos y recursos naturales de planetas próximos. Evitar el surgimiento de nuevas tecnologías, que provocarían un riesgo de extinción de muchas formas de vida y formas de poder que nos conduzcan al desequilibrio social.

PROPUESTA GEOPOLITICA TAWAINTISUYU ABYA YALA  
 COMUNIDAD QOLLASUYU TAWA INTI SUYU, 09.10.2006  
 19:08

(Disponível em  
<http://www.qollasuyu.indymedia.org/es/2006/10/2965.shtml> Acesso  
 15 out 2008)

Vejamos, portanto, o radicalismo do projeto revolucionário, prevendo o fim da era cristã, das injustiças sociais, das tecnologias perniciosas ao meio ambiente e a emergência de um mundo de harmonia social e espiritual. Ou seja, o projeto supera em muito as formas de resistência estudadas por muitos autores, que deixou de ser implícita para vir à público com um verdadeiro cronograma de atuações bem planejadas que já se encontram em realização.

#### AGINDO HOJE RUMO AO FUTURO

A preocupação com o estabelecimento de um cronograma tão pormenorizado, a nosso ver, não deve ser nem tão exaltada e nem beirar o completo desprezo. É, sim, causa de reflexão: se os aymara não se importam em divulgar esses dados é porque têm noção de que a Revolução Índia só poderá ser feita a longo prazo, a partir de um processo que compreende uma imensa variedade de lutas, tais como de ações de resistência contemporânea, corporificadas em ações diretas de cercamento de cidades, colocação de pedras em rodovias, transmissão de mensagens de madrugada de porte em porta, de associação com outros segmentos da sociedade boliviana em questões pontuais, como foi o caso da Coordenadora de Água e Vida em Cochabamba, no ano de 2000, a deflagração de um projeto consciente de re-indianização de aymaras mais jovens que, geralmente, migraram do campo para as cidades e abandonaram antigos rituais. Entretanto, tais ações não abandonam a ótica da ação política, ao

lutar-se por cargos nas eleições nacionais bolivianas e pela implantação da nova constituição boliviana.

Trata-se de uma luta que vem colhendo vitórias e propondo a construção de um Estado Multinacional com conceitos novos e defesa de nacionalidades:

*La Antropología es una falsa ciencia que ha sido creada por el colonialismo británico y sus fundadores todos ellos señores colonialistas que estudiaban a los pueblos oprimidos como se estudia a los monos de la selva.*

*Los Malinowski en las islas Trobriand, los Radcliffe Brown, los Evans-Pritchard, con los Nuer de Birmania, los Firth entre los Tikopia, etc, etc, nos están mostrando cual es el carácter de esta pseudociencia que está construida para estudiar a los “salvajes” como primitivos, pero no como colonizados, mientras la sociología es la ciencia que estudia a los pueblos “civilizados”, pero no como colonizadores.*

*¡Nada de “etnias”!, se trata en Bolivia de naciones y nacionalidades originarias e indígenas que han proclamado claramente su autodeterminación de crear un gran Estado Multinacional de Nueva Democracia.(ALVARADO, 2009)*

Portanto, acompanhar a luta aymara no ciberespaço nos permite analisar como as suas propostas podem ser inovadora ao mesmo tempo em que remetem constantemente a um passado milenar:

*Ayer se visibilizó la Asamblea Legislativa Plurinacional. Representantes de los afrobolivianos, indígenas, militares, empresarios, obreros, mineros, de capas medias e intelectuales recibieron sus credenciales que los habilitan para iniciar una tarea inédita: refundar y diseñar un nuevo Estado.*

*Las credenciales también fueron entregadas por el Órgano Electoral Plurinacional (OEP), en medio de una fiesta democrática, a los reelectos presidente Evo Morales y vicepresidente Álvaro García Linera.*

*El Auditorio del Banco Central de Bolivia fue el escenario en el que se congregó, por primera vez luego de su elección, el pleno de la Asamblea que sustituye al que fuera el Congreso. A las 09.32, Morales inició su discurso con un saludo al acto histórico, al que reconoció plenamente como una etapa de “las transformaciones profundas de la refundación de Bolivia”.*

*“En Bolivia seguimos marcando historia, seguimos escribiendo una nueva historia, pero sometidos al pueblo boliviano; es la democracia”, indicó.(in <http://www.katari.org/archives/nuevo-estado>)*



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDEL-MONEIM SARAH GRUSSING. O Ciborgue Zapatista: tecendo a poética virtual de resistência no Chiapas cibernético **Revista Estudos Feministas** v.10 n.1 Florianópolis jan. 2002. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2002000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt) . Acesso 18 abril 2007

ALVARADO, Jorge Echazu. El concepto de nacion y los “academicos antropologicos”. Disponível em <http://www.katari.org/concepto-de-nacion/>

EDITORIAL. Nuevo Estado. Disponível em <http://www.katari.org/archives/nuevo-estado>. Enero 6, 2010.

GERNNARI, Emilio. **Chiapas**: as comunidades zapatistas reescrevem a história. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

LINERA, Álvaro García. El desencuentro de dos razones revolucionarias. Indianismo y Marxismo. **Cuadernos del Pensamiento Crítico Latinoamericano** no. 3. Buenos Aires : CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Diciembre 2007. Disponible en: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/cuadernos/garcia/garcia.pdf>

MARCOS, Subcomandante. Lei zapatista deu dignidade a Chiapas. In **Folha de São Paulo**, 02/abril/1995.

NASCIMENTO, Celso Gestermeier do. Guerreiros Zapatistas: Velho Antonio e Don Durito In **Revista Eletrônica da Anphlac**, 2003, número 3. Disponível em [http://anphlac.org/periodicos/revista/revista3/revista\\_anphlac\\_3.pdf](http://anphlac.org/periodicos/revista/revista3/revista_anphlac_3.pdf).

---

<sup>i</sup> Isso também se refere ao uso do pensamento marxista, da experiência sindical de organização etc.

<sup>ii</sup> Ver referências dos autores adiante.